

A «Instabilidade» do João

— Notas sobre o nascimento psicológico, a evolução e o tratamento da inquietação motora numa criança (*)

EMÍLIO GUERRA SALGUEIRO (**)

I

«Instabilidade» é um rótulo descritivo, facilmente aplicado às crianças cuja necessidade de movimento é maior do que o limiar de tolerância dos pais ou dos professores.

Há uma enorme quantidade de artigos científicos e de livros que se debruçam sobre a *instabilidade/hiperactividade* como uma categoria de comportamento desviado, por vezes procurando dar-lhe uma base explicativa neuro-fisiológica ou neuro-patológica, e apontando para um tratamento focado nesse comportamento.

A abundância deste tipo de trabalhos contrasta com a escassez de investigações que procurem chegar a uma *compreensão psicológica* da criança instável.

Tentarei demonstrar a possibilidade de *entender a criança irrequieta* (termo, a meu ver, preferível ao de instável, pois que, como dizia Francisco Alvim (1981), são crianças bastante estáveis na sua instabilidade), baseando o entendimento no modo como as suas *«relações de objecto»*, *inter-*

nas e externas se foram organizando. Defenderei, igualmente, que o seu tratamento depende do estabelecimento com a criança de uma *relação psicoterapêutica securizante, «contentora»*.

Aproximemo-nos da «instabilidade» do João.

II

O João é uma criança de 8 anos, inteligente, e com uma enorme necessidade de movimentação. Tem uma irmã, seis anos mais nova.

Foi o primogénito da família, mas a mãe teve um aborto espontâneo antes de ele ter nascido. A mãe também teve que repousar na cama durante parte da gravidez do João, por, de novo, estar com ameaça de aborto: «Estava sempre com medo de o abortar».

O João nasceu aos 8 meses de gravidez, de um parto sem complicações, e pesava dois quilos. No entanto, como nascera com uma circular do cordão umbilical à roda do pescoço, levou oxigénio logo a seguir ao nascimento, embora tivesse chorado prontamente. Ficou dois dias numa incubadora, mas no quinto dia deixou o hospital, juntamente com a mãe.

(*) Trabalho apresentado no Simpósio *Interação Precoce e Risco Psiquiátrico*, Lisboa, Hotel Altis, 22-11-1986.

(**) Psiquiatra infantil e psicanalista.

«Ficámos todos encantados», disse a mãe, «pois que era o primeiro filho, o primeiro neto e o primeiro sobrinho na família.»

Mas o João estava sempre a chorar e não dormia, logo desde os primeiros dias de vida. Como a mãe explicou: «Ele não tinha nada de grave, estava o médico sempre a dizer-nos, mas o facto é que ele não parava de chorar: quando não estava a comer ou a dormir estava a chorar.»

A mãe sentia-se permanentemente receosa de que ele morresse: «Ele chorava tanto que tinha medo de lhe dar o biberão, pois podia engasgar-se e morrer: eu tinha a convicção de que se ele se engasgasse morreria de certeza.»

Na realidade o João engasgava-se com facilidade, e vomitava com frequência. «Talvez ele bebesse o leite rápido demais», discorria a mãe: «Eu estava sempre com medo de que alguma coisa pudesse acontecer.»

Enquanto ele dormia a mãe costumava pôr-se a olhar para ele, durante longos períodos, para se reassegurar de que ele continuava vivo.

A breve trecho o João começou a ter «espasmos-do-soluçõ», que se prolongaram até ao seu segundo ano de vida. A mãe deixou de lhe ralar, fosse porque motivo fosse, com medo de lhe poder causar um novo «espasmo».

O João atravessou os marcos do desenvolvimento dentro do normal, e aos 2 anos falava com fluência.

No entanto, o João nunca estava completamente satisfeito com nada, embora exigisse constantemente atenção e presentes. «Foi sempre uma criança difícil», dizia a mãe. Nunca parava, apanhando do chão um brinquedo para logo a seguir o largar e apanhar outro, e outro, e outro, e outro. Deixava os brinquedos espalhados por todo o lado, sendo incapaz de disfrutar uma brincadeira mais prolongada.

Aos dois anos tentava obstinadamente soltar-se da mão da mãe, ao andarem nos

passaios das ruas. Até aos 5 anos, quando fora de casa, tentava sempre escapar-se aos pais: «Não podíamos largar-lhe a mão.»

Por esta altura um neurologista pediu um electroencefalograma, que levantou uma suspeita de epilepsia, embora ele nunca tivesse tido qualquer espécie de crise epilética. Foi medicado com «Valium» durante uns meses, sem qualquer alteração no seu comportamento. Foi feito um novo electroencefalograma, considerado normal, o que levou à suspensão do «Valium».

Tinha o João quatro anos, quando os pais tiveram um novo filho, rapaz. Era um prematuro de sete meses, que trazia malformações cardíacas, e que morreu quando tinha vinte e um dias. «Morreu engasgado», sublinhou a mãe.

Quando o João tinha 6 anos a mãe ficou novamente grávida, e, uma vez mais, toda a gravidez foi um tormento de preocupações. Não só a mãe receava que pudesse vir outra criança com uma malformação cardíaca, como de novo surgiram sinais de ameaça de aborto. Acabou por nascer uma criança aos 8 meses de gestação, uma rapariga desta vez, e que teve de levar uma transfusão, por anemia, logo após o nascimento.

Também com esta nova criança a mãe sentia-se *permanentemente receosa de que morresse*. A menina teve de ficar no hospital mais cinco dias do que a mãe, e esta, quando a ia visitar esperava sempre encontrá-la morta por sufocação. Chegou mesmo a sonhar que a criança tinha morrido, *engasgada com leite*. «Eu tinha medo de tudo.» «Em casa punha-me a olhar para ela quando estava a dormir, como tinha feito com o João, para ver se ainda estava viva.» Ainda agora a mãe sente-se muito preocupada que a filha, (que tem dois anos e é uma criança saudável), possa engasgar-se com rebuçados, ou com as peles das uvas, embora ela as coma sem qualquer dificuldade. A mãe acha, também, que a filha se está a tornar *instável como o irmão*.

O pai pensa que a mulher sempre se preocupou demasiado com os filhos. Sendo temperalmente um homem passivo, adaptou-se sem dificuldade às mudanças de humor e ansiedades da mulher.

O João continuou a crescer «excessivamente exigente, agressivo e malcriado», no dizer dos pais, nunca estando satisfeito, mas reivindicando, permanentemente, atenção e novos brinquedos.

A sua instabilidade motora aumentava sempre quando próximo dos pais, piorando ainda, quando os pais estavam juntos. Por vezes ficava muito calmo, quando só com o pai.

O seu comportamento irrequieto era, também, mais moderado na presença de estranhos.

O João adaptou-se razoavelmente bem à escola primária. Embora muito mexido na sala de aulas, andando de um lado para o outro, deixando cair objectos no chão, escondendo-se debaixo da carteira, aprendeu com facilidade. E, apesar de serem curtos os seus períodos de atenção concentrada, «sabia sempre as respostas» e, de um modo geral, foi-se entendendo com a professora.

Em casa continuou a mexer em tudo, nunca parando, provocador. Mudava constantemente de actividade, incapaz de se concentrar numa só, e procurava impor sempre a sua vontade. Era esquisito com a comida: uma salsicha tinha que ser posta no prato numa certa posição, só podiam barrar as bolachas com manteiga do lado onde não houvesse letras, e por aí adiante. «Qualquer pretexto lhe servia para ter uma briga connosco», queixava-se a mãe. E acrescentava: «É uma criança insensível, nunca me dá um beijo nem me deixa que eu lhe dê. Não gosta nada que eu lhe faça festas». «Se lhe mostro que gostei de coisas bonitas que ele às vezes faz, como desenhos ou bonecos de plasticina, ele destrói tudo imediatamente.»

Embora o João tenha explicado uma vez: «Eu gosto de vocês dois, mas é à minha ma-

neira...», os pais, em regra, pouco encontram de positivo para falarem sobre ele.

«Talvez eu seja culpada de qualquer coisa», admitiu a mãe, «mas não sei de quê, pois que, se fiz alguma coisa, foi tê-lo sempre protegido demais... mesmo agora, à hora do almoço, tenho que ir ver se ele atravessa as ruas como deve ser.» A mãe confirmou continuar, ainda no presente, muito preocupada, não vá o filho morrer. «Acho que me preocupo demais, mas não consigo mudar.»

A mãe descreveu estar muitas vezes indisposta, com vários tipos de queixas somáticas, em regra sem base orgânica detectável. Isto já acontecia antes do casamento. Depois de casar, passou a deixar frequentemente as tarefas domésticas para o marido, que prontamente as desempenhava. Em tempos o João mostrava-se muito preocupado quando via a mãe acamada. Depois passou a aparentar indiferença. «Tenho nervos por causa dele», acusou a mãe.

Há já algum tempo, que, mal dão ao João um brinquedo novo, pelo qual ele se tenha encantado, logo ele pede que lhe dêem *todos os outros brinquedos da mesma colecção*, um a um. «É capaz de se portar bem quando sabe que está para ter um brinquedo dos que ele quer», diz a mãe. «Mas, assim que o tenha, começa a pedir o seguinte.»

III

O João é uma criança de pequena estatura, agradável à vista, com o cabelo cortado «à tigela», sempre a sorrir e com uma expressão atarefada. É obviamente uma criança esperta, com um bom domínio da linguagem (W. I. S. C.: Q. I. total: 123, verbal: 124, execução: 110).

Nas nossas entrevistas, em regra separava-se facilmente dos pais, uma ou duas vezes tentando esconder-se deles (talvez para os levar a procurá-lo — Mahler, 1975). No caminho da sala de espera para o meu gabi-

nete, anunciava-me, em voz alta, os objectos que tinha trazido, e como é que tencionava que brincássemos. Já no gabinete estava sempre a esquadrihar tudo à sua roda com o olhar, atento aos detalhes e às modificações, desejoso de descobrir coisas novas. Não conseguia estar parado muito tempo, e acontecia-me ficar surpreendido por dar por ele no extremo da sala oposto ao local onde estávamos sentados, à procura de qualquer coisa, sem que me tivesse apercebido de que ele se tinha afastado. Também num relâmpago ele voltava, de novo se sentando na cadeira ao meu lado. Uma vez por outra saía do gabinete para ir mostrar ao pai, na sala-de-espera, qualquer objecto interessante que tinha encontrado.

O João trazia sempre com ele, e isto desde a primeira entrevista, *um saco de plástico cheio de objectos*. Estes, em cada dia, tendiam a ser de uma mesma espécie dominante: ou carrinhos, ou animais, ou figuras humanas de plástico de uma mesma marca, ou guerreiros, índios e «cow-boys», ou canetas de ponta de feltro, ou cartas de jogar, ou jogos de regras e «quebra-cabeças», ou bandeiras e cromos, e assim por diante.

Para além de me mostrar os seus objectos, e, por vezes de brincar com eles, o João utilizava bastante os meus próprios objectos (brinquedos-miniatura, canetas, papel de desenho de vários tamanhos).

O João procurava sempre *pôr objectos inanimados no centro das nossas interacções*.

No início de nossas entrevistas terapêuticas semanais, frequentemente exprimia, em voz alta, como se fosse um pensamento para ele próprio, que *bom seria se possuísse a colecção completa de certo brinquedo seu, ou que bom seria se eu fosse dono da colecção completa de um certo tipo de objecto meu, pelo qual se tivesse sentido atraído*. Juntaríamos, então, os objectos das nossas colecções, num monte único, e seríamos muito felizes, sem preocupações ou ansiedades.

O João procurava induzir-me a ser o seu parceiro em vários jogos ou brincadeiras, numa relação de tipo paternal, mas em que entravam sempre objectos.

Ele era muito cuidadoso em nunca me colocar num papel em que pudéssemos tortor-nos antagonistas, ou onde eu pudesse ficar em situação de perigo. Se, por qualquer mudança imprevista nos enredos, nos aproximássemos de uma situação perigosa, rapidamente modificava a situação, ou transformava os nossos papéis, para o estado anterior de amizade sem nuvens.

Na maioria das ocasiões não conduzia qualquer jogo, ou brincadeira, até à sua conclusão: a meio mudava-lhes as regras, ou mudava mesmo de jogo. Trocava os papéis desempenhados pelos objectos, ou procurava acrescentar novos objectos, *como se os que ele tivesse nunca fossem os adequados ou nunca fossem os suficientes*.

Tinham pouco êxito as minhas tentativas para o levar a prosseguir uma actividade tal como a tinha iniciado, ou para tentar estabelecer uma ligação entre os diversos segmentos de actividades, para conseguir algum tipo de unidade global. Na realidade, o que ele pretendia e conseguia, era deixar ficar para trás actividades e objectos que se tinham tornado como que velhos e inúteis, para recomeçar com outros novos, que em breve, e por sua vez, também viriam a ser abandonados.

Eu insistia com ele para que, em cada sessão, usasse só um conjunto de brinquedos, ou só um tipo de material.

Lentamente começou a aceitar estas restrições. Passou, também, a trazer menos objectos de casa, por vezes nem mesmo os utilizando. Preferia usar os meus objectos, dizendo que assim poupava os dele.

Começou, progressivamente, a trazer objectos mais abstractos e simbólicos, como cartas de jogar e bandeiras. Fui notando, também, no João uma capacidade maior para permanecer sentado na cadeira, enquanto jogávamos ou falávamos.

Mostrava, também, agora vontade de desenhar, o que fazia com rapidez, destreza e imaginação, mas que, com frequência, reduzia ao mínimo essencial, ou deixava inacabado, como se estivesse cheio de pressa.

Procurava «amontoar» ou «aglomerar» os temas dos desenhos numa sessão ou numa série de sessões seguidas. Os temas ou os elementos dos desenhos surgiam, muitas vezes, mais justapostas do que integrados.

Por vezes circundava subgrupos de elementos de um dado desenho com um traço contínuo de caneta de feltro, acrescentando, por baixo, uma palavra ou uma frase curta para os designar. Parecia *querer assegurar um controle*, uma contensão ou um fechamento finais sobre o que tinha executado.

Eu costumava comentar os desenhos, assim como as suas outras actividades, de um modo que me parecesse adequado à situação transferencial e contra-transferencial. Parecia, em regra, dar muito pouca atenção ao que eu lhe dizia.

Aceitou, com entusiasmo, o meu oferecimento de lhe guardar os desenhos numa pasta própria, com o nome dele, colocada num local conhecido, e a que ele tinha acesso fácil. De quando em quando o João gostava de rever toda a colecção, fazendo comentários escassos, por vezes acrescentando um detalhe ou dois a um desenho.

Ao fim de poucos meses começou a desenhar bandeiras. Em regra uma bandeira enchia totalmente uma folha, e o João chegava a ocupar, também, todo o tempo de uma sessão só a pintar uma bandeira. Parecia não querer deixar espaço nas sessões para outros tipos de comunicação entre nós. Ao pintar as bandeiras tornava-se muito evidente um tique motor, que também surgia noutros momentos de tensão, embora com menos intensidade, e que consistia numa rápida rotação de cabeça para o lado oposto àquele em que me encontrava, acompanhado por vezes, de um piscar de olhos. Parecia querer, assim, afastar de entre nós qualquer tensão, oposição ou hostilidade.

Passou, depois, a apreciar desenhar em papel maior, suspenso num cavalete, que aliás sempre estivera no meu gabinete, mas que ele não utilizara; preferia, por vezes, colocar a dimensão maior do papel na horizontal, e não na vertical como estava originariamente suspenso. Tinha que desenhar em pé, e o traço saía-lhe mais liberto, amplo e expressivo, no espaço maior de que dispunha, sem ter, no entanto, a preocupação de o preencher na totalidade, como na fase das bandeiras. O desenho passou a ocupar só uma parte pequena das sessões.

Algum tempo depois foi, finalmente, capaz de exprimir hostilidade contra mim, quando tive de cancelar duas sessões sucessivas. Mesmo assim só o fez de um modo indirecto e disfarçado, escrevendo inúmeras «asneiras» numa folha grande de desenho, no cavalete. Olhava-me de um modo provocador, mas negava haver qualquer relação entre a escrita e a sua decepção por não ter lido as duas sessões. Nesta 1.^a sessão após a interrupção, de novo se mostrou muito excitado e instável, mudando de actividades em ritmo acelerado.

O João foi progressivamente deixando de ter necessidade de ir buscar mais objectos para acrescentar aos que já estivessem ao pé de nós, muitas vezes usando apenas um pequeno número destes.

Permaneceu uma característica desde a nossa primeira entrevista: o João procurou sempre protelar o ir-se embora, inventando à última da hora uma necessidade inadiável de terminar uma actividade, por vezes tentando mesmo iniciar uma nova.

IV

Por detrás da hiperactividade ou da instabilidade ou da irrequietude do João encontram-se *profundas ansiedades*, que foram decisivas no modo como organizou as suas relações com as pessoas e com os objectos inanimados.

Sabemos, a partir do que os pais contaram, que a mãe se sentia muito inquieta em relação ao João, mesmo antes do nascimento. Esta preocupação tomou a forma de uma *ansiedade de morte*, ainda não inteiramente desaparecida, mesmo na actualidade. O João esteve exposto a esta ansiedade desde que nasceu.

Não dormia, estava sempre a chorar, engasgava-se e sufocava quando comia, tinha «espasmos-de-solução»: tudo parecendo apontar para um *desentendimento mútuo precoce*, entre a mãe e a criança.

Era muito marcada a inquietação motora do João, pior quando na presença de ambos os pais, por vezes tranquilizando quando sozinho com o pai. Tornou-se uma criança exigente, provocante, sempre a pressionar os pais para que lhe dessem novos brinquedos e o reassegurassem quanto ao seu amor por ele. Provocar os pais e ser punido atenuava-lhe a culpabilidade, e fazia-o sentir-se amável de novo.

O João tentava escapar-se aos pais, embora desejasse que, por seu turno, eles o procurassem. Não gostava que lhe tocassem ou fizessem festas, e, se o elogiassem, destruía o que tivesse construído — todos estes traços parecendo revelar uma *profunda desconfiança* nos pais, mais na mãe.

O João tornou-se altamente *dependente de objectos inanimados*, como um toxifílico da sua droga, como se os objectos possuíssem propriedades protectoras mágicas. Coleccionando-os, parecia querer sentir-se *protegido por um objecto composto, poderoso, mesmo indestrutível*, capaz de o ressarcir narcisicamente, de neutralizar a «ameaça» que sentia vir dos seus pais, e de lhe proporcionar o alívio de que necessitava. Neste sentido parecem-me aproximar-se mais dos *objectos autísticos* de Francis Tustin (1986), do que dos *objectos transitivos* de Winnicott (1969).

Também na nossa relação os objectos inanimados desempenhavam um papel proe-

minente, usando mais os meus próprios objectos, à medida que a relação progredia. Passou a utilizar um número menor de objectos e, por fim, foi escolhendo objectos mais abstractos ou mais simbólicos. Mostrou, assim, ter-se tornado mais *confiante* na nossa relação, assim como nas suas capacidades e nas minhas capacidades, para defrontarmos as suas ansiedades.

A sua hiperactividade tinha a dupla finalidade de o levar a *procurar novos objectos neutralizadores da ansiedade*, e de se afastar dos objectos antigos, que se tinham tornado não só insuficientes, como *causadores de ansiedade*, por projecção sobre eles das suas fantasias de destruição. Revelava, também, um medo forte da passividade, de ficar desprovido, sem recursos.

As fantasias do João de juntarmos as nossas colecções de objectos, a sua preferência por brincadeiras do tipo das que se têm com um irmão mais velho, portanto, do mesmo sexo, a sua quase permanente preocupação em me proteger para que eu também o protegesse, tudo parecia apontar para o desejo de formar *uma aliança forte* comigo, capaz de o fazer sentir-se confiante e imune à ansiedade. Evitava competir comigo, e mesmo quando tentava provocar-me escrevendo «asneiras» estava, na realidade, a pedir mais protecção, e que não cancelasse mais sessões. A facilidade com que se separava dos pais, e a dificuldade que tinha em se separar de mim, no fim das sessões, vão ambas no mesmo sentido.

Tanto nos jogos e brincadeiras, como nos desenhos, procurava, por um lado, dar uma representação às suas ansiedades, por outro lado, aprender a contê-las, ajudando-se, pela aceitação das minhas próprias capacidades de contensão.

Mas os tiques continuavam a mostrar, ainda através da motricidade, a persistência de um conflito oculto, em redor da expressão total das suas necessidades.

Diversos autores e teorizações podem ajudar-nos a entender melhor as ansiedades do João, e a sua instabilidade expressa na motricidade.

Imre Hermann (1976), no seu trabalho «*Apegar-se e ir à procura, por contrastante de instintos, e sua relação com o sadismo e a masoquismo*», elabora o seu conceito de «instinto de apego» de um modo que permite encarar a instabilidade motora como uma procura sem fim de um objecto de amor, a que a criança pudesse apegar-se com segurança.

Anna Freud (1967) no seu escrito «*Sobre perder e ser perdido*», descreve a criança que perde os seus objectos, assim como a criança que se sente como um objecto que foi perdido pelos pais. A instabilidade motora poderia ser a tradução deste sentimento de estar perdida, mas também, a esperança de poder encontrar e reconhecer o que perdera, ou de ser encontrada e reconhecida como o que fora perdido.

Margaret Mahler (1975), no «*Nascimento psicológico da criança*», ajuda-nos, com o seu conceito de processo de separação — individuação, a teorizar que a irrequietude na criança poderia corresponder a uma separação psicológica prematura, muito à frente das suas capacidades de individuação, devida a vicissitudes na relação com o objecto de amor primário. Esta separação prematura dificultará gravemente a travessia da etapa de reaproximação.

A mãe tem que ser sentida como suficientemente constante, previsível e tranquilizadora para que uma evolução normal se possa instalar. De outro modo a criança pode privilegiar a sua motricidade como o seu mecanismo primário de defesa, contra sentimentos de abandono ou de intrusão. A irrequietude precoce constituiria, assim, também um dos modos de que a criança disporia para proceder a uma *regulação de*

estado interior, no sentido de Brazelton (1983), para «reparação da homeostasia».

As ideias de Wilfred Bion, sobre os primórdios do desenvolvimento da vida mental, expressas no seu livro «*Aprendendo da experiência*» (1962), são igualmente, particularmente fecundas e pertinentes.

O conceito de Bion da relação dialéctica entre um *continente* (a mãe) e um *conteúdo* (o filho) apropria-se à compreensão destas ansiedades precoces, que encontram um alívio na irrequietude.

Este conceito aproxima-se bastante do mecanismo mental de *identificação projectiva* de Melanie Klein (1946). Se a mãe, pelo seu estado de ansiedade ou de depressão, tem a sua capacidade de «*réverie*», dirigida para o bebé, diminuída, não pode receber, de um modo adequado, as projecções do que Bion designa pelas *pre-concepções ansiosas* do bebé. A mãe deveria poder recebê-las, elaborá-las e devolvê-las ao bebé «desintoxicadas», isto é, sem ansiedade patogénica, para que o bebé as pudesse aceitar, e *elaborar um conceito* revigorante e tranquilizador.

Um círculo vicioso é posto em marcha: sem ter havido alívio, as mensagens seguintes do bebé virão mais carregadas de ansiedade, confusão e hostilidade, e a mãe ir-se-á sentindo progressivamente menos capaz de as receber e enfrentar. É talvez, esta a altura para recordar a progressiva desconfiança que a mãe do João foi sentindo em relação às suas capacidades maternas, expressa, por exemplo, no sonho de que o seu bebé menina morria engasgado com leite. Também aqui podemos ver a funcionar o seu próprio mecanismo de identificação projectiva, pois que o que ela crê ver nos seus bebés são as suas próprias «partes más», projectadas, evacuadas, deixando de ser sentidas como sendo suas.

O sentimento desejável de *fusão serena com o objecto de amor primário* nunca será inteiramente conseguido, pela desconfiança que a criança experimenta em relação à

mãe. A criança encontra-se num «estado de entranhamento» (Prado, 1983) desconfortável com o objecto de amor primário. Progressivamente a relação com o objecto exterior será interiorizado (por processos de identificação-introjecção), conduzindo à formação de um «objecto interno» gerador de profundas ansiedades no «self».

Usando a nomenclatura de Bion, não é suficiente o número de elementos β da criança (que são percepções parciais carregadas de ansiedade) transformados pela mãe em elementos α , que são as unidades básicas e estáveis utilizáveis no pensamento.

Bion ajuda-nos também a entender as relações do João com os objectos inanimados, com o seu conceito de *clivagem forçada*, ligada a um modo perturbado de relacionamento com o «seio». Do «seio/mãe» o bebé recebe leite e outros confortos materiais, mas também amor, compreensão e alívio. Se o bebé se assustar com a sua própria inveja, ou com o seu próprio ódio, para com a mãe insatisfatória, pode inibir o seu impulso para se alimentar. Só o medo de morrer pode levar o bebé a retomar o sugar do leite, mas isto só depois de uma clivagem se ter estabelecido entre *satisfação material* e *satisfação psíquica*. Esta clivagem permitirá ao bebé receber os confortos materiais, sem ter que reconhecer a existência de um objecto «vivo», a mãe, de onde estes confortos provêm. Sentindo como impossível a satisfação da sua necessidade de amor, esta necessidade será transformada numa *procura sem fim de confortos materiais*.

Para além disso, manipulando constantemente objectos, o João continuava a repetir a dialéctica continente/conteúdo, desta vez num papel activo, com a ajuda da mão, «o criado mais obediente do Eu», no dizer de Willie Hoffer (1981). Os objectos podiam ser intermudados, pois que a sua importância derivada *mais da sua função reasseguradora*, do que das suas qualidades intrínsecas.

As actividades tinham que ser incessantemente mudadas, antes que criassem raízes e se desenvolvesse um *intenso entranhamento com ansiedade claustrofóbica* em relação aos seus *objectos de amor, agora internos e persecutórios*, e que não podiam deixar de a acompanhar para todo o lado.

Deste modo a criança irrequieta *sofrerá mais de ansiedades de proximidade* do que de ansiedades de separação, e é-lhe *essencial defender o seu direito à mobilidade* contra quaisquer restrições, pois que a irrequietude ficará como a sua arma principal para reduzir as suas ansiedades (João dos Santos, 1978). Só quando aprender a pensar melhor, poderá dar por terminada a sua permanente «passagem-ao-acto» motor.

Por tudo isto, a persistente expressão motora de inquietação pode estender-se com *uma paragem parcial no desenvolvimento*, com função defensiva, mas capaz de interferir gravemente com as capacidades da criança para um crescimento afectivo, cognitivo e social.

VI

Após 6 meses de terapia semanal os pais do João encontram-lhe algumas modificações importantes na sua maneira de ser.

Manifesta, actualmente, um interesse muito menor por coleccionar brinquedos. Gosta de desenhar e desenvolveu uma *intensa curiosidade intelectual* por geografia e medicina. Lê livros, e está sempre a fazer perguntas sobre o que leu. «Dantes nunca estava quieto, agora nunca está caaldo», diz a mãe.

Continua a ser provocador, mas depois da «crise» vem espontaneamente pedir desculpa, o que nunca tinha acontecido.

À noite, quando se vai deitar, gosta imenso de ser beijado e acariciado pela mãe, e beija-a apaixonadamente, em resposta. Há muito pouco tempo chegou mesmo a perguntar à mãe: «Posso beijar-te na boca?»...

Tudo isto seria impensável há ainda poucos meses: desenvolveu uma *capacidade para se interessar e cuidar dos outros*, exemplificada na nova maneira de se relacionar com a mãe, e, também, num novo modo protector que passou a ter com a irmã, preocupando-se, com frequência, que alguma coisa lhe pudesse ter acontecido, por descuido da sua parte.

Para finalizar, a psicoterapia da criança irrequieta tem que tomar na devida conta as suas *ansiedades primitivas*, usando os conceitos úteis de *continente e conteúdo*, e do mecanismo de *identificação projectiva*. Só depois de uma relação de confiança se ter estabelecido e consolidado haverá uma retomada na caminhada dos processos maturativos paralisados, possibilitando modos mais complexos de pensamento. E assim a criança irrequieta *aprenderá a pensar as suas ansiedades*, em vez de as transformar em «passagens-ao-acto» permanentes, adquirindo a ansiedade a sua função de sinal.

RESUMO

O autor descreve o João, uma criança com marcada instabilidade motora, detalhando a sua história familiar, e a provável «construção» das suas «relações-de-objecto-interno».

Sublinha as intensas ansiedades primitivas que estão na raiz da sua instabilidade, verdadeira inquietação motora, e liga-as a perturbações precoces nas relações com os seus «objectos» de amor.

É dada particular atenção à importância dos objectos inanimados, constantemente utilizados pelo João como neutralizadores parciais das suas ansiedades.

São referidos conceitos de Imre Hermann, Anna Freud, Margaret Mahler, João dos Santos, Francis Tustin e Wilfred Bion, que ajudam a compreender melhor a instabilidade motora na criança. Um lugar especial é concedido aos conceitos de continente/

/conteúdo e de identificação projectiva, desenvolvidos por Bion.

A instabilidade motora é entendida como um mecanismo de defesa, e uma paragem na linha de desenvolvimento da ansiedade-sinal. Há uma permanente «passagem-ao-acto, por insuficiente «passagem-ao-pensamento», com a finalidade de reduzir ansiedades primitivas.

É relatada, ainda, a evolução do João, ao longo de 6 meses de psicoterapia a uma sessão por semana.

SUMMARY

The author describes John, a child with motor restlessness, in terms of his family history, and of the establishment of his «internal-objects-relationships».

He underlines the intense primitive anxieties which are behind his hyperactivity and other psychological traits, and which are due to disturbed early relationships with his «objects» of love.

Particular attention is given to the importance of the inanimated objects John constantly used as partial neutralizers of his anxieties.

Several concepts of Imre Hermann, Anna Freud, Margaret Mahler, João dos Santos, Francis Tustin and Wilfred Bion are used for a better understanding of the child's motor restlessness. A special place is reserved for the concepts of container/contained and projective identification.

Motor restlessness is envisaged as a defensive mechanism, a permanent «acting-out», to reduce several of the child's primitive anxieties.

A psychotherapeutic once-a-week treatment is described in some detail.

RÉSUMÉ

L'auteur décrit le traitement psychothérapeutique d'un enfant avec instabilité motrice.

Il souligne les intenses anxiétés précoces, et la formation perturbée de la relation d'objet interne; il décrit aussi le rôle très importante des objets inanimés, pour diminuer ces anxiétés.

Il utilise des concepts proches de Imre Hermann, Anna Freud, Margaret Mahler, João dos Santos, Francis Tustin et de Wilfred Bion, pour mieux donner à comprendre l'instabilité motrice, en soulignant l'importance des théories du «Contenant/Contenu», et du mécanisme d'identification projective.

BIBLIOGRAFIA

- ALVIM, F. (1981) — Comunicação pessoal.
- BION, W. R. (1962) — *Aux sources de l'expérience*. Paris, Presses Universitaires de France (1979).
- BRAZELTON, T. B. (1983) — *Precursors for the development of emotions in early infancy*. Emotion, vol. 2, 35-55. New York, Academic Press.
- FREUD, A. (1967) — *About losing and being lost*. Psychoanalytic Study of the Child, XXII, 9-19.
- HERMANN, I. (1976) — *Clinging-going-in-search. A contrasting pair of instincts and their relation to sadism and masochism*. Psychoanalytic Quarterly, 45, 5-36.
- HOFFER, W. (1981) — *Early development and education of the child*. London, The Hogarth Press.
- KLEIN, M., et al. (1946) — *Développements de la psychanalyse*. Paris, PUF (1966).
- MAHLER, M. S.; PINE, F.; e BERGMAN, A. (1975) — *The psychological birth of the human infant*. New York, Basic Books.
- PRADO, M. (1983) — *Psicanálise de psicóticos*. Rio de Janeiro, Plurarte Editora.
- SANTOS, J. (1978) — Comunicação pessoal.
- TUSTIN, F. (1986) — *Autistics barriers in neurotic patients*. London, Karnac Books.
- WINNICOTT (1969) — *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris, Payot (1971).